

rapsódia - o rei da noite

série o negociador | livro 1

laura thalassa



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Para a minha família
Porque a vida precisa de toda uma aldeia*

Prólogo

Maio, há oito anos

Tenho sangue nas minhas mãos, sangue entre os meus dedos dos pés, sangue salpicado no cabelo. Está espalhado pelo meu peito e, para meu horror, consigo sentir o gosto de algumas gotas nos meus lábios.

Há demasiado dele a manchar o chão polido da cozinha. Ninguém pode sobreviver a uma perda de sangue assim, nem mesmo o monstro aos meus pés.

Todo o meu corpo treme, a adrenalina ainda corre nas minhas veias. Deixo cair a garrafa partida, o vidro estilhaça-se ao tocar no chão, e caio de joelhos.

O sangue encharca as minhas calças de ganga.

Olho para o meu algoz. Os olhos vidrados perderam o foco e a pele perdeu a cor. Se eu fosse mais corajosa, teria encostado o ouvido ao seu peito só para ter a certeza de que o seu coração frio e escurecido tinha parado. Mas nem mesmo agora consigo tocá-lo. Mesmo sabendo que ele já não me pode magoar.

Ele foi-se. Finalmente, ele foi-se.

Deixo escapar um soluço trémulo. Pela primeira vez, em tempos que parecem uma eternidade, consigo respirar. Soluço novamente. Meu Deus, que alívio. Desta vez, seguem-se lágrimas.

Sei que não deveria sentir alívio. Sei que as pessoas deviam lamentar a perda de uma vida. Mas eu não consigo. Pelo menos não a dele. Talvez isso me faça parecer má. Tudo o que sei é que esta noite enfrentei o meu medo e sobrevivi.

Ele está morto. Já não me pode magoar. Está morto.

Demora apenas mais alguns segundos para que eu realmente perceba. Meu Deus. Ele está *morto*.

As minhas mãos começam a tremer. Há um corpo e sangue, tanto

sangue. Estou encharcada dele. Mancha os meus trabalhos de casa, e uma gota grossa cobre o rosto do Lincoln no meu livro de História.

Percorre-me um arrepio.

Olho para as minhas mãos, sinto-me como *Lady Macbeth*. *Fora, maldita mancha!* Corro para a pia da cozinha, deixando um rasto de pegadas ensanguentadas. Meu Deus, preciso de tirar este sangue de mim agora.

Lavo freneticamente as mãos. Fica nas minhas cutículas e aloja-se de baixo das minhas unhas. Não consigo tirá-lo, mas isso não importa, porque vejo que o líquido vermelho me cobre os braços. Por isso, esfrego-os. Mas está também na minha camisola, e consigo vê-lo a coagular no meu cabelo.

Choramingo enquanto faço isso. Não há volta a dar. Não sai.

Merda.

Apoio-me na bancada de granito e observo a mistura rosada de sangue e água que mancha a bancada, o chão e a pia.

Não posso fugir disto.

Com relutância, os meus olhos desviam-se para o corpo. Uma parte ilógica de mim espera que o meu padrasto se levante e me ataque. Quando ele não o faz, começo a pensar de novo.

O que é que eu faço agora? Chamo a polícia? O sistema de justiça protege as crianças, por isso ficarei bem. Apenas teriam de me interrogar.

Mas irão proteger-me? Não é como se tivesse matado um qualquer. Matei um dos homens mais ricos e intocáveis do mundo. Não importa que tenha sido em legítima defesa. Mesmo na morte, homens como ele safam-se sempre.

E eu teria de falar sobre isto — de tudo isto.

Uma náusea percorre todo o meu corpo.

Mas não tenho escolha. Tenho de me entregar. A menos que...

O monstro que sangra na nossa cozinha conhecia um homem que conhecia outro homem. Alguém que poderia limpar uma situação complicada. Eu só teria de vender um pedaço da minha alma para falar com ele.

Sem polícia, sem perguntas, sem assistência social ou prisão.

Sabem que mais? Ele pode ficar com o que resta da minha alma. Eu só quero uma saída.

Corro para a gaveta de tralhas, as mãos a tremer enquanto tento abri-la. Assim que o faço, rapidamente pego no cartão e leio a peculiar informação de contacto. Há uma única frase escrita; só tenho de a ler em voz alta.

O medo percorre-me. Se fizer isto, não há volta a dar.

Olho à volta da cozinha. *Já é tarde de mais para voltar atrás.*

Aperto o cartão na mão. Inspiro profundamente e faço como o cartão instrui.

— Negociador, gostaria de fazer um acordo.

Capítulo 1

Presente

Uma pasta aterra na mesa à minha frente.
— Tens correio, Callie.
Baixo a caneca de café a fumar da boca, os meus olhos desviam-se rapidamente do portátil.

Temperance «Temper» Darling — juro por Deus que é esse o seu nome —, a minha sócia e melhor amiga, está do outro lado da minha mesa, com um sorriso malicioso no rosto. Deixa-se cair na cadeira à minha frente.

Retiro os pés de cima da mesa, esticando-me para puxar o dossiê para mais perto de mim.

Ela acena para a pasta.

— Este é dinheiro fácil.

Todos eles são dinheiro fácil, e ela sabe disso.

Os olhos dela percorrem o meu escritório, do tamanho de um armário, uma réplica do dela.

— Quanto é que a cliente está a oferecer? — pergunto, voltando a colocar os pés na borda da mesa.

— Vinte mil por um único encontro com o alvo, e ela já sabe quando e onde deves intercetá-lo.

Assobio. Realmente, é dinheiro fácil.

— A que horas é o encontro com o alvo? — pergunto.

— Às oito da noite, hoje, no Flamencos. Para tua informação, é um restaurante chique, por isso... — O olhar dela desce para as minhas botas gastas.

— Não podes usar *isso*.

Reviro os olhos.

— Ah, e ele vai lá estar com amigos.

E eu aqui na esperança de voltar para casa relativamente cedo.

— Sabes o que a cliente quer? — pergunto.

— A cliente acredita que o tio, o nosso alvo, está a abusar da sua tutela sobre a mãe, a avó dela. As duas vão a tribunal por causa disso. Ela quer poupar nos custos legais e obter uma confissão diretamente da fonte.

Já sinto uma excitação familiar, a minha pele começa a brilhar. Esta é a oportunidade de potencialmente ajudar uma senhora idosa e punir o pior tipo de criminoso — aquele que ataca a própria família.

A Temper repara na minha pele radiante, o olhar fixo. Estende a mão antes de se lembrar. Nem ela é imune ao meu encantamento.

Abana a cabeça.

— És mesmo retorcida.

É a mais pura verdade.

— Diz o roto ao nu.

Ela resmungua.

— Podes chamar-me de Bruxa Má do Oeste.

Mas a Temper não é uma bruxa. Ela é algo muito mais poderoso.

Verifica o telemóvel.

— Raios — diz. — Gostava muito de ficar a conversar, mas o meu suspeito vai estar no Luca's Deli em menos de uma hora e, com o trânsito da hora de almoço de LA, não quero nada ser forçada a abrir a 405 como o Mar Vermelho. Esse tipo de coisa parece suspeito.

Ela levanta-se e enfia o telemóvel no bolso.

— Quando é que o Eli volta?

O Eli, o caçador de recompensas que às vezes trabalha para nós e às vezes para a Politia, a força policial sobrenatural. O Eli, que também é meu namorado.

— Desculpa, Temper, mas ele vai estar fora por mais uma semana — digo, relaxando um pouco ao dizê-lo.

Isso é errado, certo? Aproveitar o facto de o namorado estar fora para ter um tempo sozinha?

Provavelmente também é errado achar o afeto dele sufocante. Receio o que isso possa significar, especialmente porque, em primeiro lugar, não devíamos namorar.

A primeira regra do livro é não nos envolvermos com colegas. Uma noite de copos após o trabalho, há seis meses, quebrei essa regra como se ela nunca tivesse existido. E quebrei-a uma e outra vez até me encontrar numa relação que não tinha a certeza de querer.

— *Argh* — diz a Temper, o cabelo a balançar um pouco enquanto ela

inclina a cabeça para trás, os olhos voltados para o céu. — Os maus da fita adoram complicar as coisas quando o Eli não está. — Dirige-se para a minha porta e, com um último olhar, sai do meu escritório.

Olho para o dossiê por um momento, depois pego nele.

O caso não tem nada de especial. Não há nada particularmente cruel ou difícil nele. Nada que me faça querer pegar no *Johnnie Walker* que guardo numa das gavetas da minha secretária. Sinto que mesmo assim quero fazê-lo, que a minha mão está ansiosa para tirar a garrafa.

Há demasiadas pessoas más neste mundo.

Os meus olhos desviam-se para as contas de ónix que se enrolam ao redor do meu braço esquerdo enquanto tamborilo os dedos na mesa. As contas parecem engolir a luz em vez de refratá-la.

Há demasiadas pessoas más e demasiadas lembranças que vale a pena esquecer.

O restaurante elegante onde entro às oito em ponto está pouco iluminado e as velas tremulam fracamente em cada mesa para dois. O Flamencos é claramente um lugar onde os ricos vêm para se encantar mutuamente.

Sigo o empregado, os meus saltos a ecoar suavemente contra o piso de madeira enquanto ele me conduz a uma sala privada.

Vinte mil. É uma quantidade estapafúrdia de dinheiro. Mas não estou a fazer isto pelo pagamento. A verdade é que sou uma conhecedora de vícios, e este é um dos meus favoritos.

O empregado abre a porta da sala privada, e eu entro.

Lá dentro, um grupo de pessoas conversa amigavelmente à volta de uma grande mesa. As vozes acalmam um pouco assim que a porta se fecha atrás de mim. Não faço qualquer movimento em direção à mesa.

Os meus olhos fixam-se no Micky Fugue, um homem calvo nos seus quarenta e muitos. O meu alvo.

A minha pele começa a brilhar à medida que deixo a sereia em mim emergir.

— Todos para fora. — A minha voz é melodiosa, sobrenatural. Cativante.

Quase simultaneamente, os convidados levantam-se, com os olhos vidrados.

Este é o meu belo e terrível poder. O poder de uma sereia. Compelir os dispostos — e os relutantes — a fazer e acreditar no que eu desejar.

Encantamento. É ilegal. Não que eu realmente me importe.

— A noite foi maravilhosa — digo-lhes enquanto saem. — Iriam adorar repetir isto no futuro. Ah, e eu nunca estive aqui.

Quando o Micky passa por mim, agarro-lhe na parte de cima do braço.

— Tu não.

Ele para, apanhado na teia da minha voz, enquanto o resto dos convidados sai. Os seus olhos vidrados tremulam por um momento, e nesse instante vejo a sua confusão à medida que a sua consciência luta contra a minha estranha magia. Depois, desaparece.

— Vamos sentar-nos. — Direciono-o de volta ao seu lugar, depois deslizo para o lugar ao lado do dele. — Podes sair assim que terminarmos.

Ainda estou a brilhar, o meu poder aumenta a cada segundo que passa. As minhas mãos tremem levemente enquanto luto contra os meus outros impulsos — sexo e violência. Considerem-me um moderno Jekyll e Hyde. Na maior parte do tempo, sou simplesmente a Callie, a Detetive Privada. Mas quando preciso de usar o meu poder, outro lado de mim emerge. A sereia é o monstro dentro de mim; ela quer tirar e tirar e tirar. Causar destruição e banquetear-se com o medo e o desejo das suas vítimas.

Seria custoso admiti-lo em voz alta, mas controlá-la é difícil.

Pego num pedaço de pão de um dos cestos no centro da mesa, e agarro num prato pequeno que um dos convidados não tocou. Depois de deitar azeite e vinagre balsâmico no prato, mergulho o pão e dou uma dentada.

Observo o homem ao meu lado. O fato sob medida que ele veste esconde a barriga proeminente. No pulso, usa um *Rolux*. O dossiê dizia que ele era um contabilista. Eu sei que eles ganham um bom dinheiro, especialmente aqui em LA, mas não ganham assim tão bem.

— Porque não vamos diretos ao assunto? — digo. Enquanto falo, preparo o vídeo no meu telemóvel para que a câmara possa capturar a nossa conversa. — Vou gravar esta conversa. Por favor, diz sim em voz alta e dá o teu consentimento para esta entrevista.

As sobrancelhas do Micky franzem-se enquanto ele luta contra o encantamento na minha voz. Não adianta.

— Sim — diz ele finalmente por entre dentes. Este tipo não é parvo; ele pode não perceber o que está a acontecer-lhe, mas sabe que está prestes a ser enganado. Sabe que *já está* a ser enganado.

Assim que ele concorda, eu começo.

— Andaste a desviar dinheiro da tua mãe? — A sua mãe senil e doente terminal. Realmente, não devia ter lido o dossiê. Não é suposto envolver-me

emocionalmente nos casos, e, ainda assim, quando se trata de crianças e idosos, acabo sempre por ficar zangada.

Esta noite não é exceção.

Dou uma dentada no pão, observando-o.

Ele abre a boca...

— A partir deste momento até ao final da nossa entrevista, vais dizer a *verdade* — comando, as palavras a fluírem da minha língua.

Ele para, e o que quer que ele estivesse prestes a dizer morre nos seus lábios. Espero que ele continue, mas ele não o faz. Agora que ele não pode mentir, é só uma questão de tempo até ser forçado a admitir a verdade.

O Micky luta contra o meu encantamento, embora seja inútil. Ele está a começar a suar, apesar das suas feições plácidas.

Eu continuo a comer como se nada fosse.

As suas bochechas ficam coradas. Finalmente, ele consegue dizer:

— Sim. Como diabos é que tu...

— Silêncio.

Ele para de falar imediatamente.

Este anormal. A roubar dinheiro à sua mãe moribunda. Uma doce velhinha cujo maior fracasso foi ter dado à luz este falhado.

— Há quanto tempo anda a fazer isso?

Os olhos dele brilham de raiva.

— Dois anos — responde contra a vontade. Encara-me com hostilidade. Termina de comer o resto do pão calmamente.

— Porque é que o fizeste? — pergunto por fim.

— Ela não estava a usá-lo e eu precisava. Vou devolvê-lo — diz ele.

— Ah, vais? — Levanto as sobrancelhas. — E quanto é que... «pediste emprestado»? — pergunto.

Passam-se vários segundos em silêncio. As bochechas vermelhas do Micky estão a ficar cada vez mais num tom profundo de cor-de-rosa. Finalmente, ele diz:

— Não sei.

Inclino-me para mais perto.

— Dá-me o teu melhor palpite.

— Talvez duzentos e vinte mil.

Só de ouvir esse número, um rasgo de raiva atravessa-me.

— E quando é que pensavas pagar à tua mãe? — pergunto.

— A-agora — gagueja.

E eu sou a rainha de Sabá.

— Quanto dinheiro tens disponível nas tuas contas neste momento?
— pergunto.

Ele pega no seu copo de água e dá um grande gole antes de responder.

— Eu... Eu gosto de investir.

— Quanto dinheiro?

— Um pouco mais de doze mil.

Doze mil dólares. Ele esvaziou os cofres da mãe, e aqui está ele, a viver como um rei. Mas por detrás desta fachada, o homem só tem doze mil dólares à mão. E aposto que esse dinheiro também será liquidado em breve. Este tipo de homens é descuidado; o dinheiro escapa-lhes facilmente.

Lanço-lhe um olhar de desapontamento.

— Essa não é a resposta certa. Agora — digo, a sereia incita-me a ser cruel —, onde está o dinheiro?

O seu lábio superior suado treme antes de responder.

— Foi-se.

Desligo a câmara e o gravador. A minha cliente obteve a confissão que queria. Azar para o Micky, eu ainda não acabei com ele.

— Não — digo —, não se foi. — Aqueles poucos que me conhecem bem o suficiente reconheceriam que o meu tom mudou.

Novamente, as suas sobranceiras contraem-se enquanto a sua confusão transporece.

Toco-lhe na lapela.

— Este fato é bom... — é mesmo dos bons. E o teu relógio... — os *Rolex* não são baratos, pois não?

O encantamento faz com que ele abane a cabeça.

— Não — concordo. — Sabes, para homens como tu, o dinheiro não desaparece apenas. Vai para... como é que lhe chamaste? — Procuo pela palavra antes de estalar os dedos. — *Investimentos*. Movimenta-se um pouco, mas é só. — Inclino-me para mais perto. — Vamos movimentá-lo um pouco mais.

Ele arregala os olhos. Agora vejo o Micky — não o fantoche controlado pela minha magia, mas o Micky que ele era antes de eu entrar nesta sala. Alguém astuto, fraco. Ele está plenamente ciente do que está a acontecer.

— Qu-quem é você?

Oh, o medo nos seus olhos. A sereia não consegue resistir a isso. Estendo a mão e acaricio-lhe a face.

— Eu-Eu vou...

— Vais ficar sentado e ouvir, Micky — digo —, e é só isso que vais fazer, porque neste momento, tu... não tens... *poder*.

Capítulo 2

Maio, há oito anos

O ar ondula na minha cozinha, como se estivesse a olhar para uma miragem, e de repente ele está aqui, a encher o espaço como se fosse o seu dono.

O Negociador.

Santo Deus, funcionou.

Tudo o que consigo ver dele são uns bons metro e oitenta de homem e uma imensidade de cabelo loiro-branco atado com uma tira de couro. As costas do Negociador estão voltadas para mim.

Um assobio quebra o silêncio.

— Este está bem morto — diz, observando o que eu fiz. O som pesado das suas botas ressoa enquanto se aproxima do corpo. Veste preto sobre preto, a camisola esticada sobre os seus ombros largos. Os meus olhos caem sobre o seu braço esquerdo, coberto de tatuagens.

Callie, onde é que te foste meter?

A ponta da bota do Negociador toca no cadáver.

— Hum, devo corrigir-me. Quase morto.

Isso faz-me acordar para a realidade.

— *O quê?* — Ele não pode estar vivo. O medo que pulsa nas minhas veias é uma coisa viva, que respira.

— Provavelmente, vai custar-te mais do que estás disposta a oferecer, mas ainda posso reanimá-lo.

Reanimá-lo? O que é que este tipo andou a fumar?

— Eu não o quero *vivo* — digo.

O Negociador vira-se e, pela primeira vez, tenho uma boa visão dele.

Fico apenas a olhar. Eu tinha imaginado um tipo esquisito, mas, por mais malévolo que o homem à minha frente possa ser, não é esquisito.

Nem perto disso.

O Negociador é lindo de uma maneira que só alguns homens são. Ele não é austero, apesar do maxilar forte e do olhar duro. Há uma simetria no seu rosto, uma exuberância em cada uma das suas feições, que tenho visto mais em mulheres do que em homens. Tem as maçãs do rosto altas e proeminentes, lábios perversos e curvados, olhos prateados brilhantes. Não que ele pareça feminino. Isso é impossível com o seu corpo largo e musculado e a vestimenta grosseira.

Ele é simplesmente um homem bonito.

Um homem *realmente* bonito.

Ele avalia-me.

— Não.

Olho para ele com curiosidade.

— Não o quê?

— Eu não faço negócios com menores.

O ar brilha e, *oh, meu Deus*, ele está a ir embora.

— Espera! Espera! — Estendo a mão. Agora não é apenas o ar que brilha. É a minha pele. Isto tem acontecido muito ultimamente... emitir um brilho suave.

Ele para a olhar para o meu braço. Algo passa por aqueles olhos, algo mais selvagem do que choque, algo mais indomado do que excitação. O espaço à sua volta parece escurecer, e atrás dele, juro que vejo algo grande e sinuoso.

O momento passa tão depressa como chegou.

Os olhos dele estreitam-se.

— O que és tu?

A minha mão desce.

— *Por favor* — imploro. — Eu preciso mesmo de fazer um acordo.

O Negociador suspira, parecendo bastante incomodado.

— Ouve, eu não faço acordos com menores. Vai à polícia. — Apesar do seu tom, ele ainda está a olhar para a minha mão, agora com uma expressão distante e perturbada.

— Eu *não posso*. — Se ele soubesse. — Por favor, ajuda-me.

O olhar dele move-se da minha mão para o meu rosto.

O Negociador range os dentes, franzindo o cenho como se algo cheirasse mal. Ele olha para mim em toda a minha glória ensanguentada e desgrenhada. Mais ranger de dentes.

Os olhos dele percorrem o espaço, demorando-se no meu padraço. O que é que ele vê? Será que consegue perceber que foi um acidente?

Os meus dentes começam a bater. Abraço-me com força.

Mesmo sem querer, os seus olhos voltam para mim, e o olhar suaviza brevemente antes de voltar a endurecer.

— Quem é ele?

Engulo em seco.

— Quem. É. Ele? — repete o Negociador.

— O meu padrasto — murmuro.

Ele olha para mim, o seu olhar inabalável.

— Mereceu?

Solto um suspiro trémulo, uma lágrima escapa contra a minha vontade. Sem dizer uma palavra, aceno com a cabeça.

O Negociador examina-me por um longo tempo, o seu olhar fixa-se na lágrima que escorre pelo meu rosto.

Ele desvia o olhar, fazendo uma careta. O homem passa a mão pela boca, anda dois passos para longe antes de se virar novamente para mim.

— *Está bem* — diz ele com voz rouca. — Vou ajudar-te sem — mais ranger de dentes e outro olhar penetrante que para na lágrima na minha bochecha — *nenhum custo*. — Ele praticamente engasga-se com as palavras. — Apenas desta vez. Considera isto como o meu *pro bono* do século.

Abro a boca para lhe agradecer, mas ele levanta a mão, os olhos fecham-se com força.

— Não agradeças.

Quando ele abre os olhos, eles percorrem o espaço. Sinto a magia a emanar dele. Eu conheço este lado do nosso mundo — o lado sobrenatural. O meu padrasto construiu o seu império com base na sua habilidade mágica.

No entanto, nunca vi *este* tipo de magia em ação — magia que pode fazer coisas acontecerem inexplicavelmente. Solto um arquejo quando o sangue desaparece do chão, depois do balcão, e depois das minhas roupas, cabelo e mãos.

A garrafa partida segue o mesmo caminho. Num momento, está lá, e no seguinte, desaparece. Seja qual for o encantamento, faz-me cócegas na pele à medida que passa pelo espaço.

Depois de terminar a cena do crime, o Negociador dirige-se para o corpo.

Ele para quando lá chega, olhando de forma curiosa para o homem morto. Depois fica imóvel.

— É quem eu estou a pensar?

Agora, provavelmente, não é o melhor momento para dizer ao

Negociador que eu matei o Hugh Anders, o mais poderoso analista de mercado de ações e o homem que, pelo preço certo, poderia dizer a qualquer um praticamente tudo o que quisesse saber sobre o futuro. Quando um negócio de drogas estava prestes a acontecer, se a ameaça à sua vida era inofensiva ou real, se iria ser apanhado pela morte de um inimigo. Se o Hugh não era o melhor vidente do mundo, era pelo menos um dos mais ricos. Não que isso o tenha salvo da morte.

Oh, a ironia.

O Negociador solta uma série de asneiras.

— Malditas sereias amaldiçoadas — murmura ele. — O teu azar está a contagiar-me.

Encolho-me, bem familiarizada com a predisposição das sereias para a má sorte. Foi isso que deu à minha mãe uma gravidez indesejada e uma morte precoce.

— Tens algum familiar? — pergunta ele.

Mordo o lábio inferior e abano a cabeça, abraçando-me mais fortemente. Estou sozinha no mundo.

Ele pragueja novamente.

— Quantos anos *tens*?

— Farei dezasseis anos daqui a duas semanas. — O aniversário que eu tinha esperado por *anos*. Na comunidade sobrenatural, dezasseis é a idade legal da maioridade. Mas agora esse mesmo facto poderia ser usado contra mim. Uma vez que atingisse esse número mágico, poderia ser julgada como uma adulta.

Estive a duas semanas de distância da liberdade. *Dois semanas*. E depois isto aconteceu.

— Finalmente — suspira —, *algumas* boas notícias. Faz as malas. Amanhã, vais mudar-te para a Ilha de Man.

Pisco os olhos, a minha mente demora a acompanhar.

— O quê? Espera... *amanhã*?

Eu vou mudar-me? E tão cedo? A cabeça a girar ante a ideia.

— A Peel Academy tem sessões de verão a começar em algumas semanas — diz ele.

Localizada na Ilha de Man, uma ilha situada entre a Irlanda e a Grã-Bretanha, a Peel Academy é a principal escola interna sobrenatural. Eu sonhava em ir para lá há tanto tempo. E agora vou.

— Vais assistir às aulas a partir de então, e não vais dizer a ninguém que mataste o Hugh Anders.

Encolho-me com isso.

— A menos que — acrescenta ele — prefiras que te deixe aqui com esta confusão.

Oh, meu Deus.

— Não, por favor, fica!

Outro longo suspiro de resignação.

— Eu trato do corpo e das autoridades. Se alguém perguntar, ele teve um ataque cardíaco.

O Negociador olha-me com curiosidade antes de se lembrar que está irritado comigo. Estala os dedos, e o corpo levita. Demoro alguns segundos para processar o facto de um cadáver estar a flutuar na minha cozinha.

O Negociador parece imperturbável.

— Há algo que deves saber.

— Hum-hum? — O meu olhar está fixo no corpo flutuante. Demasiado assustador.

— Olhos em mim — diz o Negociador.

A minha atenção volta-se para ele.

— Há uma hipótese de a minha magia desaparecer com o tempo. Eu posso ser poderoso, mas essa pequena maldição que todas vocês, sereias, têm sobre as vossas cabeças, pode superar até a minha magia. — De alguma forma, ele consegue parecer arrogante mesmo enquanto me diz que os seus poderes podem ser inadequados.

— O que acontece se for esse o caso? — pergunto.

O Negociador sorri maliciosamente. Grande idiota. Já lhe tirei a pinta.

— Então, é melhor começares a utilizar o teu encantamento, querubim — diz ele, os olhos a passar por mim. — Vais precisar dele.

Com esta, o Negociador desaparece, juntamente com o homem que eu matei.

Presente

Poder.

Isso é o cerne da minha adição. Poder. Uma vez fui esmagada pelo seu peso, e quase me engoliu por inteiro.

Mas isso foi há muito tempo. E agora sou eu a força formidável.

A sala privada do restaurante brilha suavemente à luz das velas. Inclino-me para perto do Micky.

— Portanto, isto é o que vai acontecer. Vais devolver o dinheiro que desviaste à tua mãe.

Os olhos anteriormente vazios dele focam-se em mim. Se olhares pudessem matar...

— Vai-te. Foder.

Sorriso, e sei que pareço uma predadora.

— Ouve bem, porque este é o único aviso que te vou dar: eu sei que não fazes ideia do que eu sou. Mas garanto-te, posso arruinar a tua vida, e sou suficientemente má para considerá-lo. Portanto, a menos que queiras perder tudo o que te é querido, vais ser respeitoso.

Os mortais comuns sabem que os sobrenaturais existem, mas gostamos de nos separar daqueles que não são magicamente dotados, simplesmente porque coisas divertidas como caças às bruxas tendem a surgir quando os mortais ficam demasiado intimidados por nós.

Estendo a mão para a minha mala.

— Agora, como não consegues ser um bom filho por ti mesmo, vou ajudar-te — digo de forma casual. Tiro uma caneta e uma série de documentos que a minha cliente me deu da minha mala. Afastando o prato do Micky, coloco-os à sua frente.

Um é uma confissão escrita de culpa, e o outro é uma nota promissória, ambos os documentos redigidos pelo advogado da minha cliente.

— Vais devolver até ao último cêntimo que roubaste... *com* juros de dez por cento.

O Micky emite um pequeno ruído.

— Foi quinze por cento de juros que eu ouvi?

Ele abana a cabeça furiosamente.

— Era o que eu pensava. Agora, vou dar-te dez minutos para leres o documento, e depois vais assiná-lo.

Passo esses dez minutos a provar o vinho e a comida que os convidados do Micky deixaram para trás, tirando os meus saltos porque, *argh*, são de *agulha*.

Quando o tempo acaba, recolho os documentos do Micky. Enquanto os revejo, dou uma olhadela ao próprio homem. O seu rosto está agora coberto com uma camada insalubre de suor, e aposto que se ele retirasse o casaco, veria enormes círculos de suor debaixo das suas axilas.

Termino de rever os documentos. Uma vez concluído, coloco-os de volta na minha mala.

— Estamos quase a terminar.

— Quase? — Ele diz a palavra como se nunca a tivesse ouvido.

— Não pensavas que eu te deixaria apenas com algumas míseras assinaturas, pois não? — Abano a cabeça, e agora a minha pele está a contribuir mais para iluminar a sala do que a iluminação fraca. A sereia em mim adora isto. Brincar com a sua vítima. — Oh, Micky, não, não, não. — E é aqui que paro de brincar com o Micky e vou para o ataque final. Inclino-me para a frente, colocando o máximo de poder que consigo gerir na minha voz. — Vais corrigir os teus erros. Nunca mais voltarás a fazer isto, e vais passar o resto da tua vida a trabalhar para seres uma pessoa melhor e ganhares o perdão da tua mãe.

Ele acena com a cabeça.

Agarro na minha mala.

— Sê um bom filho. Se eu ouvir que não tens sido, se eu ouvir seja o que for negativo sobre ti, ver-me-ás novamente, e não vais querer isso.

Ele abana a cabeça, a expressão vazia.

Levanto-me. O meu trabalho aqui está feito.

Um único comando é tudo o que é necessário.

Esquece que eu existo. Puf, a tua memória apaga a minha existência.

Desvia o olhar. Os teus olhos movem-se para todo o lado menos para mim.

Conta-me o teu segredo mais obscuro. A tua boca e mente traem-te.

Dá-me as tuas riquezas. Esvaziarás a tua conta bancária num instante.

Afoga-te.

Afoga-te. Afoga-te. Afoga-te. Morres.

Isso era o favorito de alguém quando o mundo era jovem, quando as sereias ganharam a sua reputação por seduzir marinheiros até à morte.

Afoga-te.

Por vezes, quando fico sozinha com os meus próprios pensamentos — o que acontece frequentemente —, pergunto-me sobre essas mulheres, as que ficavam nas rochas, a chamar os marinheiros e a seduzi-los até à morte. Será que aconteceu mesmo assim? Elas queriam que eles morressem? Porque é que elas escolheram esses homens em particular? Os mitos nunca dizem.

Pergunto-me se alguma delas era como eu — se a sua beleza as fez vítimas muito antes de lhes dar poder. Se algum marinheiro em algum lugar abusou dessas mulheres antes de elas terem voz. Se elas ficaram zangadas e desiludidas como eu e usaram o seu poder para punir os culpados como vingança.

Pergunto-me quanto da história é verdade e quantas das suas vítimas eram inocentes.

Eu çao homens maus. Esta é a minha vingança. O meu vício.

Subo as escadas para a minha casa de praia em Malibu, os pés doridos pelas horas passadas em pé, de saltos altos. À minha frente, a tinta cinzento-ardósia da minha casa está a descascar das ripas de madeira. Um bolor verde brilhante cresce ao longo das telhas do telhado. Esta é a minha casa perfeitamente imperfeita.

Entro e, aqui, o ar cheira a oceano. A minha casa é simples. Tem três quartos, as bancadas de azulejo estão lascadas e, se andarmos descalços, vamos sentir a areia entre os dedos dos pés. A sala de estar e o quarto dão para o oceano, e toda a parede traseira de ambas as divisões consiste em nada mais do que enormes portas de vidro deslizantes que podem abrir completamente para o quintal.

Para lá do meu pequeno quintal, o mundo desaparece. Uma escada de madeira serpenteia pela falésia costeira onde a minha casa está assente, e, no final dela, o gelado oceano Pacífico beija a arenosa costa da Califórnia — e os meus pés, se eu permitir.

Este lugar é o meu santuário. Soube-o no momento em que o agente imobiliário mo mostrou, há dois anos.

Caminho pela minha casa no escuro, sem me dar ao trabalho de acender as luzes enquanto vou tirando as roupas, peça por peça. Deixo-as onde caem. Amanhã, apanhá-las-ei, mas esta noite tenho um encontro com o mar e depois com a minha cama.

Através das janelas da minha sala, a Lua brilha intensamente, e o meu coração é preenchido com um desejo infinito.

Secretamente, tenho ficado aliviada por o Eli ter de se manter afastado de mim até que a lua cheia passe. Como um licantropo, ele tem de ficar longe durante os Sete Sagrados, a semana em volta da lua cheia quando ele não consegue controlar a sua transformação de homem para lobo.

Tenho os meus próprios motivos para querer estar sozinha durante este período, razões que nada têm que ver com o Eli e tudo que ver com o meu passado.

Tiro as minhas calças de ganga enquanto entro no meu quarto para pegar no meu fato de banho. No momento em que estou prestes a despertar o sutiã, uma sombra mais escura do que as restantes move-se.

Sufoco o grito que se forma na minha garganta. A minha mão tateia contra a parede ao meu lado até encontrar o interruptor. Acendo as luzes do quarto.

À minha frente, deitado descontraidamente na minha cama, está o Negociador.

Capítulo 3

Outubro, há oito anos

— **O**lá, daqui fala o Inspetor Garrett Wade da Polítia. Gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre a morte do seu pai...
As minhas mãos começam a tremer enquanto ouço a mensagem. A Polítia está a investigar isto? Eles são como a versão sobrenatural do FBI. Só que mais assustadores.

Supostamente, não deveria haver perguntas. As autoridades deveriam manter distância. O Negociador tinha assegurado isso.

Essa pequena maldição que todas vocês, sereias, têm sobre as vossas cabeças, pode superar até a minha magia.

Sento-me pesadamente na cama e esfrego as têmporas, o telefone apertado na minha mão. A chuva bate contra a janela do meu quarto na residência universitária, obscurecendo a minha vista do Castelo de Peel, o castelo transformado em academia onde todas as minhas aulas são realizadas.

Passaram apenas cinco meses desde aquela noite fatídica. *Cinco meses.* Pouco tempo para desfrutar da minha liberdade, mas muito tempo para parecer inocente perante as autoridades novamente.

Perdi a minha oportunidade no momento em que aceitei a oferta do Negociador.

A Academia Peel e a vida que construí aqui poderiam ser-me tiradas. Tudo num instante.

Respiro fundo.

Do meu ponto de vista, tenho três opções. Primeira, posso fugir e abandonar a vida que criei para mim. Segunda, posso retornar a chamada do oficial, apresentar-me para o interrogatório e esperar pelo melhor.

Ou terceira, posso contactar o Negociador e pedir-lhe para resolver isto. Só que, desta vez, ficaria a dever-lhe um favor.

É uma escolha fácil.

Levanto-me da cama e dirijo-me ao meu armário. Retiro uma caixa de sapatos da prateleira superior e abro-a. O cartão de visita preto do Negociador está escondido por baixo de outras bugigangas, a letra bronzada está um pouco desbotada desde a primeira vez que peguei nele.

Tirando-o da caixa, viro o cartão de um lado para o outro nas minhas mãos. Vê-lo traz de volta aquela noite em todos os seus horríveis detalhes.

Não posso acreditar que passaram apenas cinco meses.

A minha vida é tão diferente agora. Trabalhei arduamente para enterar o meu passado, e fiquei confortável com o meu encantamento.

Onde antes era fraca, agora sou poderosa. Uma sereia que pode dobrar a vontade de uma pessoa — que pode até quebrá-la se assim desejar. Esse conhecimento é uma espécie de armadura que visto todas as manhãs quando acordo. Só a tiro à noite, muito tarde, quando as minhas memórias levam a melhor sobre mim.

Passo o polegar sobre o cartão. Não preciso de fazer isto. Prometi a mim mesma que não o contactaria novamente. Escapei de um assassinato — literalmente — da última vez que o encontrei. Não terei tanta sorte duas vezes.

Mas esta é a melhor de três más opções.

Por isso, pela segunda vez na minha vida, chamo o Negociador.

Presente

Congelo à entrada da porta.

O Negociador reclina-se contra a minha cabeceira, com um ar de predador. Um poder refinado, contido, e olhos perigosos. Ele também parece demasiado confortável na minha cama.

Sete anos. Sete longos anos passaram desde que ele saiu da minha vida. E agora aqui está ele, deitado na minha cama como se quase uma década não nos tivesse separado. E eu não faço ideia de como devo reagir.

Os olhos dele percorrem-me preguiçosamente.

— Melhoraste a tua *lingerie* desde a última vez que te vi.

Jesus, isto é que é ser apanhada com as calças na mão.

Ignoro o modo como as palavras dele me afetam. A última vez que ele me viu, eu era uma adolescente apaixonada, e ele não queria nada comigo.

— Olá, Desmond Flynn — digo, invocando o seu nome completo.

Estou bastante certa de que sou uma das poucas pessoas que o sabe, e essa informação torna-o vulnerável. E agora, enquanto estou aqui apenas de *lingerie* e assimilo o facto de *o Negociador estar no meu quarto*, preciso de que ele esteja vulnerável.

Ele esboça um sorriso lento e ardente que me aperta o estômago, ao mesmo tempo que me comprime o coração.

— Não percebi que querias revelar segredos esta noite, Callypso Lillis — diz ele.

Os olhos do Negociador devoram a minha pele exposta, e sinto-me de novo como aquela adolescente desajeitada. Respiro fundo. Já não sou aquela rapariga, mesmo que o homem à minha frente pareça exatamente igual ao que era quando eu era jovem.

A mesma roupa toda preta, a mesma estrutura imponente, o mesmo rosto deslumbrante.

Atravesso o quarto e agarro no meu roupão de algodão que está pendurado na parte de trás da porta da casa de banho. Durante todo o tempo, sinto os olhos dele em mim. Viro-me para longe dele para o vestir.

Sete anos.

— O que é que queres, Des? — pergunto, apertando o roupão à minha cintura.

Finjo que isto é normal. Que ele estar na minha casa é normal, quando não é. Por Deus, como não é.

— Exigente como sempre, estou a ver.

Dou um gritinho quando o seu hálito faz cócegas no meu ouvido. Viro-me para enfrentá-lo.

O Negociador está a menos de meio metro de distância de mim, tão perto que consigo sentir o calor do seu corpo. Não o ouvi levantar-se da cama e atravessar o quarto. Não que eu devesse estar surpreendida. A magia que ele usa é subtil; na maioria das vezes, se não estivermos à procura, nem reparamos nela.

— Estranho defeito de carácter o teu — continua ele, os olhos semicerrados —, considerando o quanto *me deves*. — A sua voz é rouca e baixa.

Assim tão perto dele, posso ver cada faceta complexa do seu rosto. Maças do rosto altas, nariz aristocrático, lábios sensuais, maxilar definido. O cabelo tão claro que parece branco. Continua demasiado bonito para um homem. Tão bonito que não consigo desviar o olhar quando sei que deveria.

Os olhos dele são o que sempre mais me cativaram. São de todas as

tonalidades de prata, mais escuros nas extremidades onde um espesso anel de cinzento-carvão os contorna e mais claros perto do centro. A cor das sombras e dos raios da Lua.

Dói olhar para ele, não só porque ele é inumanamente belo, mas porque ele destroçou o meu frágil coração há muito tempo.

O Negociador pega na minha mão na dele e, pela primeira vez em sete anos, fico cara a cara com o conjunto de tatuagens que ele exhibe.

Olho para as nossas mãos entrelaçadas enquanto ele empurra a manga do meu roupão para cima, expondo a minha pulseira de ónix.

A pulseira cobre a maior parte do meu antebraço, cada conta uma dívida mágica por um favor que comprei ao Negociador.

Ele torce o meu pulso para trás e para a frente, avaliando o seu trabalho. Tento puxar a minha mão, mas ele não a solta.

— A minha pulseira ainda te fica bem, querubim — afirma ele.

A pulseira dele. A única peça de joalheria que não posso remover. Mesmo que não estivesse atada com seda de aranha e, portanto, demasiado forte para ser cortada, a magia que a liga ao meu pulso impede-me de a remover até saldar as minhas dívidas.

A mão do Negociador aperta a minha.

— Callie, deves-me muitos favores.

A minha respiração prende-se na garganta enquanto o meu olhar encontra o dele. O modo como ele olha para mim, o modo como o polegar dele esfrega círculos na pele suave da minha mão... eu sei porque é que ele está aqui. Em certo sentido, eu soube desde que o vi pela primeira vez na minha cama. É agora, o momento pelo qual esperei sete anos.

Expiro.

— Vieste finalmente cobrar.

Em vez de me responder, a outra mão do Negociador desliza pelo meu pulso cativo, passando por todas as dezassete filas da minha pulseira, não parando até chegar ao fim, até os dedos agarrarem a última das minhas trezentas e vinte e duas contas.

— Vamos jogar um pequeno jogo de verdade ou consequência — diz ele. Os seus olhos encontram os meus e brilham com malícia.

O meu coração bate forte no peito. *Ele está finalmente a cobrar o pagamento.* Parece-me difícil assimilar isto.

A boca dele curva-se de forma sedutora.

— O que vai ser, Callie? Verdade ou consequência?

Pisco os olhos algumas vezes, ainda atónita. Há dez minutos, ter-me-ia

rido se alguém me dissesse que o Desmond Flynn estava à espera de que eu regressasse a casa para poder cobrar as minhas dívidas.

— Então será a consequência — diz ele, alegremente, preenchendo o meu silêncio.

O medo apodera-se do meu coração. O Negociador é infame pelos seus elevados pagamentos. E raramente é dinheiro que ele pede; não tem necessidade disso. Não, ele geralmente leva algo mais pessoal, e cada reembolso vem com juros acrescidos. Considerando que tenho trezentos e vinte e dois favores não pagos, o homem, essencialmente, é meu dono. Se ele quisesse, poderia ordenar-me que exterminasse uma pequena aldeia, e eu ficaria magicamente obrigada até que cada uma das contas desaparecesse.

Ele é um homem perigoso e, neste momento, está a rolar uma conta entre os dedos, observando-me com aqueles olhos calculistas.

Limpo a garganta.

— Qual é a consequência?

Em vez de me responder, ele solta o meu pulso e invade o meu espaço pessoal. Nunca tirando os olhos dos meus, ele inclina a minha cabeça para trás e aconchega-a.

O que é que ele está a fazer?

Olho para cima, para ele. Um pequeno sorriso dança nos seus lábios e noto que o seu olhar se aprofunda no momento antes de se inclinar para mim.

Enrijeço quando os lábios dele roçam os meus e, depois, o meu corpo relaxa à medida que a boca dele desliza contra eles. Imediatamente a minha pele ilumina-se quando a sereia desperta. Sexo e sangue, é disso que ela se alimenta.

Envolvo um braço em volta do que aconchega a minha cabeça. Os meus dedos pressionam a pele quente do seu pulso. Por baixo, posso sentir o músculo inabalável do Des.

Ele é real. Isto é real. É tudo em que tenho tempo para pensar antes de o beijo terminar e ele se afastar.

Ele olha para o meu pulso, e eu sigo o seu olhar. A última conta na minha pulseira cintila por um momento e depois desaparece. O beijo tinha sido a minha consequência, o primeiro pagamento que o Negociador cobrou.

Toco com os dedos nos meus lábios, o sabor dele ainda na minha pele.

— Mas tu não gostas de mim — sussurro, confusa.

Ele levanta a mão até ao meu rosto, passando os dedos pela minha pele

resplandecente. Se ele fosse um homem, estaria completamente sob o meu feitiço neste momento. Mas ele é algo completamente diferente.

Os olhos do Negociador brilham, repletos de emoções que passei um ano a memorizar e depois sete anos a tentar esquecer.

— Voltarei amanhã à noite. — O olhar dele percorre-me novamente, e ele levanta uma sobrancelha. — Considera o seguinte conselho um favor gratuito: prepara-te para algo mais do que apenas um beijo.

Ao nascer do Sol, ainda estou acordada, ainda de roupão, e continuo sem ter ideia do que diabos está a acontecer. Sento-me na relva à beira da minha propriedade, respirando o ar salgado do mar. Os meus joelhos estão encostados ao peito e uma garrafa de vinho praticamente vazia repousa ao meu lado.

Já liguei à Temper e disse-lhe que não estaria no escritório hoje. O bom de ter o próprio negócio? Podemos escolher os nossos próprios horários.

Observo as estrelas a perderem o brilho e o reino do Negociador a fechar-se à medida que o céu vai clareando lentamente.

Olho para o meu pulso. Podia jurar que parece diferente agora que uma conta desapareceu. Restam apenas 321 favores, e os restantes serão, certamente, muito mais dolorosos do que o primeiro.

Passo um dedo pelos lábios. Eu estava errada. A determinado momento, o Des *gostou* de mim. Mas não como eu gostava dele — como se ele tivesse pendurado a própria lua no céu. O dia em que ele me deixou arrancou-me o coração, e nunca sarou devidamente, e nenhuma quantidade de álcool, homens ou trabalho poderia alguma vez repará-lo.

Apesar da enorme dívida que ainda tenho para com ele, não me arrependo de ter comprado os favores, nem um pouco. Eles tiraram-me das mãos de um monstro; eu teria vendido a minha alma por isso. Mas uma inquietação insinua-se em mim pelo preço que poderei ter de pagar. Pode ser qualquer coisa.

Preciso de ligar ao Eli. É hora de acabar tudo.

— Olá, querida. — O Eli atende o telefone, a voz baixa e rouca. Ele é um homem de poucas palavras e ainda menos segredos, e este último está a tornar-se um problema cada vez maior para mim. Eu tenho quase tantos segredos como o Negociador, um homem que ganha a vida a colecioná-los.

O Eli sabe que há muito que eu não partilho, e o alfa dentro dele tem-me pressionado para ser mais aberta. Os metamorfos são simplesmente tão francos. Eles operam sob aquele princípio de que partilhar é importar-se.

Encosto-me ao balcão.

— Eli... — Isto é tudo o que eu consigo dizer antes de esfregar o meu rosto. Preparei-me para este dia há muito tempo, mas isso não facilita em nada. Tento novamente. — Eli, preciso de te contar algo sobre mim que tu não vais querer ouvir.

Era suposto isto ter sido uma conversa rápida — acabar com ele, depois desligar a chamada. E eu considerei fazer exatamente isso. Mas terminar com ele pelo telefone já é mau o suficiente. O mínimo que eu posso fazer é dar ao homem uma explicação.

— Está tudo bem? — Há um tom letal na sua voz. O lobo está no comando. Agora não é a hora de soltar esta bomba.

Devia ter-lhe contado há meses. Há meses, quando éramos o quê um para o outro? Amigos coloridos? Colegas a trabalhar até mais tarde juntos?

Em nenhuma versão da minha vida teria revelado os meus segredos ao Eli, o metamorfo íntegro que defende a lei sobrenatural durante o seu trabalho diário e que *é* a lei dentro da sua alcateia. Não, a maioria dos meus segredos colocar-me-ia em montes de problemas.

— Estou bem, só que... Sabes a pulseira que eu uso?

Meu Deus, *é* agora. O momento da verdade.

— Sim — responde num tom profundo.

— Essa pulseira não é apenas uma peça de joalharia.

Uma pausa. Depois:

— Callie, podemos falar sobre isto quando eu voltar? Agora não é a melhor altura...

— Cada conta *é* um favor que devo ao Negociador — apresso-me a explicar. O segredo queima ao sair da minha garganta.

Para a maior parte do mundo sobrenatural, o Negociador *é* mais mito do que homem. E aqueles que sabem um pouco sobre ele, sabem que ele não permite que nenhum dos seus clientes compre mais do que dois ou três favores de cada vez, e ele nunca espera tanto tempo para cobrar as suas dívidas.

O outro lado da linha está silencioso, o que não *é* um bom sinal. Finalmente, o Eli diz:

— Diz-me que estás a brincar, Callypso. — Um rosnado baixo entra na sua voz.